

## **A "Missa do Mestre Bernardino", o documento musical mais antigo do atual estado do Paraná**

Ricardo Bernardes, CESEM/UNL

**Resumo:** Os territórios na porção sul da antiga Província de São Paulo, como os atuais estados brasileiros de Paraná e Santa Catarina, só conheceram a meados do século XIX suas emancipações político-administrativas seculares e também da organização eclesiástica. No entanto, importantes centros urbanos coloniais como Paranaguá tiveram importante atividade musical registrada ainda no século XVIII, sendo o período a partir da administração de D. Luís António de Sousa Botelho Mourão, o 4º Morgado de Mateus (1765 - 1774), em que registou-se maiores desenvolvimentos e cujas informações remanescentes propiciam uma imagem mais clara da vida musical na capital e os possíveis reflexos e possibilidades dos outros centros musicais da província. É nesse contexto que encontra-se a figura de Bernardino José de Sena, conforme descrito por Régis Duprat, tendo nascido em São Paulo em 1743 e exercido o posto de mestre de capela em Paranaguá entre 1777 e 1803. Sena é tratado por "Mestre Bernardino" por Manuel José Gomes (1792 - 1868), seu colega e agregado na casa do mestre de capela de São Paulo - o lisboeta André da Silva Gomes (1752 - 1844), o que corrobora a informação. É justamente no espólio musical do mestre Gomes de Campinas, e em concordância com o catálogo elaborado por Lenita Nogueira, que destacamos a obra intitulada "Missa do Mestre Bernardino", peça claramente em linguagem musical do século XVIII, cuja transcrição, análise e apresentação será o objectivo deste trabalho, de modo a firmar essa obra como a mais antiga que chega até nossos dias de música produzida no atual estado do Paraná.

**Palavras-chave:** missa; Paraná, Paranaguá, música, Bernardino.

Os territórios na porção sul da antiga Província de São Paulo, como os atuais estados brasileiros de Paraná e Santa Catarina, só conheceram a meados do século XIX suas emancipações político-administrativas seculares e também da organização eclesiástica. Paranaguá tem a prerrogativa de ser o primeiro município fundado no actual estado do Paraná, fato que se deu através de Carta Régia, de 29 de julho de 1648. Desde 1549, a costa litorânea paranaense já era conhecida e habitada pelo branco europeu pelo que consta no relato do naufrago alemão Hans Staden, registrado em livro. Foi-se efetivando uma povoação, e em 1578 já existia uma pequena capela sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário. Em 1640 Gabriel

de Lara, que passou para a história como o "capitão-povoador", chegou a Paranaguá e anunciou o descobrimento de ouro em Paranaguá, iniciando-se o ciclo da mineração aurífera no Paraná, dos primeiros do Brasil colônia. Paranaguá cresceu rapidamente a ponto de no ano de 1660 ter sido elevada a capitania, sendo Gabriel de Lara nomeado ouvidor, alcaide-mor e capitão-mor. A Capitania de Paranaguá foi extinta em 1710 e anexada à de São Paulo, tornando-se a 2ª Comarca da nova Capitania de São Paulo. A ouvidoria de Paranaguá compreendia todo o sul do Brasil, até o Rio da Prata - inclusive a República Oriental do Uruguai, estando sob sua jurisdição as vilas de Iguape, Cananeia, São Francisco, Nossa Senhora do Desterro - actual Florianópolis, Laguna e Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba. Em 1749, iniciou-se a desagregação do imenso território parnanguara, com a criação da ouvidoria de Santa Catarina. Com a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil em 1808, inicia-se um novo processo de divisão político-administrativa das Capitánias. Em 1812, a sede da ouvidoria de Paranaguá foi transferida para Curitiba que torna-se o centro administrativo daquela porção de território, ocorrendo a criação da Província do Paraná emancipada de São Paulo em 1853.

Durante o século XVIII Paranaguá era o centro urbano mais desenvolvido nos territórios ao sul de São Paulo e um dos únicos que poderia comportar actividade musical profissional mais constante. Paranaguá, era descrita como uma vila debruçada sobre o mar, onde são comuns os "homens embarcadiços, que vivem da náutica, de marinheirar, pescariar, e outras coriosidades", e onde abundam as "casas de fadistas e de meratrizes" (DUPRAT, 1985: 66). Ainda que fosse mais intrinsecamente de música para os ofícios religiosos de sua igreja matriz, Paranaguá teve importante actividade musical registada ao menos desde fins do século XVII. Segundo Régis Duprat, a informação mais antiga a citar o ofício de mestre de capela data de 1726, em que Miguel Carvalho Telles é citado na documentação da cúria de Paranaguá a realizar música em ofícios fúnebres. A meio desse século ainda são encontrados outros dois nomes como Antonio de Oliveira e Vitorino Nogueira da Paz, sendo que este último também exercia o ofício de tabelião, biprofissionalismo que, como atesta Duprat, podia expressar um quadro de amadorismo e necessidade de sobrevivência com outras funções. Francisco Curt Lange cita ainda um padre músico, José Caetano da Cruz, que teria passado pela vila e actuado a partir de 1750.

É, no entanto, no período em torno da administração de D. Luís António de Sousa Botelho Mourão, o 4º Morgado de Mateus entre 1765 e 1774, que registou-se maiores desenvolvimentos e cujas informações remanescentes propiciam uma imagem mais clara da vida musical na vila de São Paulo e os possíveis reflexos e possibilidades dos outros centros

musicais da província. Nesse contexto André da Silva Gomes (1752-1844) foi o principal compositor em actividade, e também o de maior número de obras musicais remanescentes, para além das notícias históricas. Este compositor, nascido e formado em Lisboa, é levado em 1774 pelo 4º Bispo de São Paulo, D. Manuel da Ressurreição para assumir o posto de mestre de capela da Sé. Ainda que tenhamos relatos documentais das indisposições do Morgado de Mateus para com o Bispo e, conseqüentemente seu novo mestre de capela, é inegável a importância da análise das obras lá produzidas num ambiente musical sobejamente favorecido pelo interesse pessoal desse governador nas actividades culturais da capitania, representada em sua magnitude pela criação da Ópera de São Paulo em 1767. Se houve de facto um incremento da actividade musical em São Paulo durante o longo período de governação de D. Luís António é difícil de precisar. No entanto, houve certamente uma maior profissionalização dessas actividades, que permaneceram e foram a base dos desenvolvimentos que levaram a um século XIX que propiciou um meio musical capaz de favorecer o surgimento de uma figura como o célebre compositor de ópera António Carlos Gomes (1836 - 1896).<sup>1</sup>

É também desse período que temos o único músico natural daquela zona e que, para além de mais abundante informação biográfica e contextual, localizamos também uma obra musical de sua autoria, ainda que atribuída por um seu contemporâneo. Trata-se de Bernardino José de Sena, organista por formação e também provável compositor, como poderia ser esperado dentre suas funções. Sena é natural de São Paulo, onde nasceu por volta de 1743. De sua formação musical tem-se a notícia de que em 1765 era agregado na casa do organista da Sé daquela cidade, Inácio Xavier de Carvalho, dado como seu irmão, com quem certamente aprendeu e desenvolveu seu ofício (DUPRAT, 1985: 88). A documentação de 1776 já apresenta Bernardino de Sena como agregado em casa de André da Silva Gomes, mestre de capela da Sé de São Paulo. No ano seguinte já não está presente nos censos da cidade e ter-se-ia mudado para Paranaguá nesse ano, uma vez que seu filho já nasce lá no ano a seguir. Segundo Duprat, até 1803 Bernardino José de Sena desenvolve em Paranaguá suas actividades musicais. Como "organista e Professor vive de sua música, sustenta sua família e planta para comer" (DUPRAT, 1985: 89). Em 1804 seu nome é encontrado novamente nos censos de São Paulo, com 62 anos, viúvo, apenas com dois de seus filhos e um escravo, vivendo de sua arte da música. Bernardino estava, portanto, imerso numa actividade musical rica no contexto colonial brasileiro. Tendo sido agregado de André da Silva Gomes é certo que travou contacto com obras de compositores

---

<sup>1</sup> António Carlos Gomes é natural de Campinas, cidade fundada pelo 4º Morgado de Mateus. Sua formação musical deu-se por seu pai Manuel José Gomes, aluno e agregado na casa de André da Silva Gomes.

portugueses dos anos de 1760, como Davide Perez, Luciano Xavier dos Santos, José Joaquim dos Santos e outros, que faziam parte do material levado e copiado por André da Silva Gomes desde Lisboa e que ainda hoje se encontram preservados no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

Pouco se sabe das actividades musicais desse período imediatamente anterior à chegada de André da Silva Gomes em 1774, sobretudo pela ausência de partituras remanescentes, mas já é possível ter-se uma imagem da vida musical com ao menos três compositores contemporâneos ao jovem Bernardino José de Sena: seu mestre Inácio Xavier de Carvalho, o Pe. Mathias Álvares Torres e António Manso, citado pelo Morgado de Mateus como sendo o "operário" responsável pelas produções da sua casa de ópera e pela "música com rabecas" nas festividades religiosas da cidade. Era justamente esse contraste do repertório mais "sério e estrito" trazido por André da Silva Gomes nos moldes do da Patriarcal de Lisboa, como bem descrito no diário do Morgado, que faz com que saibamos que as músicas utilizadas nas cerimónias religiosas em São Paulo eram aquelas inspiradas pela teatralidade da ópera. O Morgado, em seu tempo como Governador da Capitania de São Paulo (1765 - 1774) privilegiou a ópera a ponto de com a casa da ópera de São Paulo, ter em sua província uma corte local com a "aristocracia da terra", em que era necessária uma civilidade e urbanidade nos mesmos moldes da proposta por D. José I em Lisboa, com a já inexistente Ópera do Tejo. A música de Bernardino de Sena, portanto, seguramente seguia os mesmos padrões estilísticos e fazia-se valer dos mesmos efeitos teatrais como os da música que devia ser feita pelo "operário" António Manso.

Do período de Bernardino José de Sena como mestre de capela da Vila de Paranaguá entre 1789 e 1804, foi possível localizar uma única obra a ele atribuída. Mesmo sua produção ser tida como irremediavelmente perdida, localizamos na coleção de Manuel José Gomes, seu colega discípulo e agregado de Silva Gomes até por volta de 1810, uma missa a 4 vozes, cordas e trompas. Esta peça é atribuída a Bernardino de Sena por Manuel José Gomes no frontispício da partitura, o que pode fazer dessa a obra mais antiga remanescente que testemunha a actividade musical no Sul do Brasil. A missa está localizada no acervo Manuel José Gomes do Centro de Ciências, Letras e Artes da cidade de Campinas, no estado de São Paulo catalogada sob número 345 "Missa do Mestre Bernardino", de autor anónimo, no Catálogo de Manuscritos Musicais do Museu Carlos Gomes, de autoria de Lenita Nogueira<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Lenita Nogueira, *Catálogo de manuscritos musicais*, p. 280.

Manuel José Gomes era aluno agregado de André da Silva Gomes na primeira década do séc. XIX, e quando muito provavelmente conhece ou ouve falar de Bernardino de Sena, este já teria sido mestre-de-capela em Paranaguá e sua idade e experiência certamente justificavam o estatuto de "Mestre" como indicado na partitura. Do mesmo modo, a formação musical e o contexto artístico em que Bernardino Sena viveu corroboram a linguagem da obra em questão.

Como pode ser observado nos excertos, a peça claramente está em linguagem musical de meados do século XVIII, com partes para as quatro vozes, linhas de violinos de escrita complexa e sem violetas - ou com violeta supostamente a dobrar o baixo, com adição de oboés e trompas. A escrita do oboé é independente da dos violinos, enquanto as trompas preenchem a função harmónica e são o amálgama da sonoridade da orquestra. A escrita vocal do coro é bastante vertical e homofónica como nas obras de compositores e italianos e portugueses do mesmo período, e os solos já apresentam uma dificuldade técnica e tessitura de cantores mais profissionais, como aqueles que certamente actuavam no contexto da Casa da Ópera.

A missa está estruturada com o ordinário completo, tendo as habituais divisões dos versos do *Kyrie*, *Gloria*, *Credo*, *Sanctus* e *Agnus Dei*, e harmonicamente os movimentos contrastam-se entre si, com alternância de escrita em tonalidades maiores e menores, sempre dentro do campo harmónico de Ré maior. Vale observarmos a complexidade técnica e grande âmbito na tessitura dos solos vocais, assim como a escrita elegante e ornamentada nas árias e nas pequenas intervenções solistas nos movimentos corais. O solo de tenor para o “Crucifixus etiam pro nobis” é especialmente notório pela grande extensão exigida do cantor, sendo que a escrita melódica denota a necessidade de vozes leves e ágeis.

Esta comunicação trata-se apenas da notícia inicial sobre os desenvolvimentos das investigações das actividades musicais nos territórios a sul da cidade São Paulo na segunda metade do século XVIII e primeiras décadas do XIX. Ainda que saibamos da problemática das atribuições baseadas em fontes únicas, com base nas informações existentes é possível, para já, afirmar que esta obra reflete o gosto e a provável linguagem musical de um compositor e mestre de capela actuante no sul do Brasil, de modo a termos essa obra como a mais antiga que chega até nossos dias de música muito provavelmente produzida, ou ao menos executada, no atual estado do Paraná.

Ob. 1  
Ob. 2  
Vln. I  
Vln. II  
S  
A  
T  
B  
Vc.

Ky - ri - e e - le - i - son e - le - i -  
Ky - ri - e e - le - i - son  
Ky - ri - e e - le - i - son e - le - i -  
Ky - ri - e e - le - i - son

Fig. 1. – Missa do Mestre Bernardino. “Kyrie eleison”. Linguagem instrumental, vocal e harmónica condizente com a produção musical italianizante da segunda metade do séc. XVIII.

T

Cru - ci - fi - xus e - ti - am pro no - bis sub Pon - ti - o Pi - la - to pa - ssus

Fig. 2. - Missa do Mestre Bernardino. “Crucifixus”. Solo de tenor com grande âmbito vocal.

## Bibliografia

DUPRAT, Régis. *Garimpo Musical*. São Paulo: Novas Metas, 1985.

\_\_\_\_\_. *Música na Sé de São Paulo Colonial*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Musicologia, 1995.

NOGUEIRA, Lenita Waldige Mendes. *Catálogo de manuscritos musicais. Museu Carlos Gomes*. Campinas: Editora Arte e Ciências, 1997.

STADEN, H. *Duas Viagens ao Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Paraná*. 7ª ed. Curitiba: Vicentina, 1995.